

GUARANÁ

MANAUZ (O GLOBO) — Embora sem muita expressividade no volume de exportações e na própria economia amazônica, o guaraná tem surpreendido empresários e plantadores, ao ser alvo de uma verdadeira corrida nos últimos anos por parte principalmente de ameri-

canos e japoneses atraídos pelas qualidades da bebida. Segundo o cientista francês Paul Le Coint, além de uma bebida reconstituente, tônico calmante para o coração, eficiente no combate à arteriosclerose, útil contra diarreia, disenteria e ainda estimulante poderoso com poderes de leve afrodisíaco.



O guaraná é comprado em pó ou em fruto pelos americanos que o transformam em drágeas efervescentes

Produtores surpresos com corrida de importadores

No Amazonas, e principalmente em Maués, o município de maior produção, só não se vende mais porque não há quantidade suficiente diante da procura no Sul do País. A Brahma e a Antártica estão investindo pesadamente no setor. A situação tanto no mercado nacional como no externo é tão benéfica que o prefeito Carlos Esteves, de Maués, estabeleceu como meta depois de colher 720 toneladas na safra 79, contra 70 toneladas em 1967, o plantio de um milhão de pés de guaraná na safra 81-82. Ao mesmo tempo, a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater) e a Embrapa empenham-se na aplicação de novas técnicas para conseguir maior produtividade por pé de 300 gramas, que dá quatro quilos — e diminuir o tempo necessário à fase de produção, de quatro ou cinco anos, para três.

POLO DE GUARANA

O presidente da Associação dos Exportadores da Zona Franca de Minas, Manoel Ribeiro, propõe a instalação de um pólo de guaraná, considerando a evasão indireta de divisas, em prejuízo do Estado, e a comercialização do guaraná em forma de drágeas pelos americanos, o que na sua opinião poderia ser feito em Manaus, aproveitando-se melhor o excelente mercado externo para o produto.

O que falta, segundo Manoel Ribeiro, é maior investimento no plantio e melhor embalagem para apresentação do guaraná no mercado externo.

Ele lembra o tratamento dispensado pelo americano ao guaraná, comprado aqui, em pó ou em fruto, e transformado em drágeas muitas vezes efervescentes.

— Eles compram por Cr\$ 300 e vendem a mesma quantidade em drágeas, por mais de Cr\$ 2.000, depois de um trabalho de marketing em grande escala que inclui anúncios em revistas internacionais de alto custo.

Apesar de instalação de zonas produtoras em outros Estados como a Bahia e Mato Grosso, o que acabou com a mística de que "o guaraná só dava em Maués", o município amazonense é que abastece o mercado nacional e sofre a pressão dos compradores internacionais. Segundo dados da Cacex,

em 1979 cerca de 46 mil quilos de guaraná foram destinados ao comércio externo, além de 200 quilos na forma de xarope que os alemães levaram, representando tudo US\$ 419.785. Desse total os americanos entraram com US\$ 277.689, em comparação com US\$ 112.746 do Japão e US\$ 29.331 da Alemanha Ocidental.

No ano passado a procura no mercado nacional aumentou significativamente principalmente através de Brahma, que comprou a maior parte da produção de Maués, em mãos de cerca de 250 pequenos produtores, fazendo com

que o quilo fosse cobrado a Cr\$ 1.200, quando o preço mínimo era de Cr\$ 184. Concorreu também a Antártica que dispõe de plantação na área.

Em consequência, de janeiro a novembro foram destinados ao exterior apenas 15 mil quilos, o que equivale a US\$ 124.044. As importações japonesas foram de US\$ 81.286; as compras alemãs foram de US\$ 20.807 e as dos americanos de US\$ 11.761.

A fase de maior procura coincidiu com perdas de 40 a 50 por cento na safra de 1980, quando se estima-

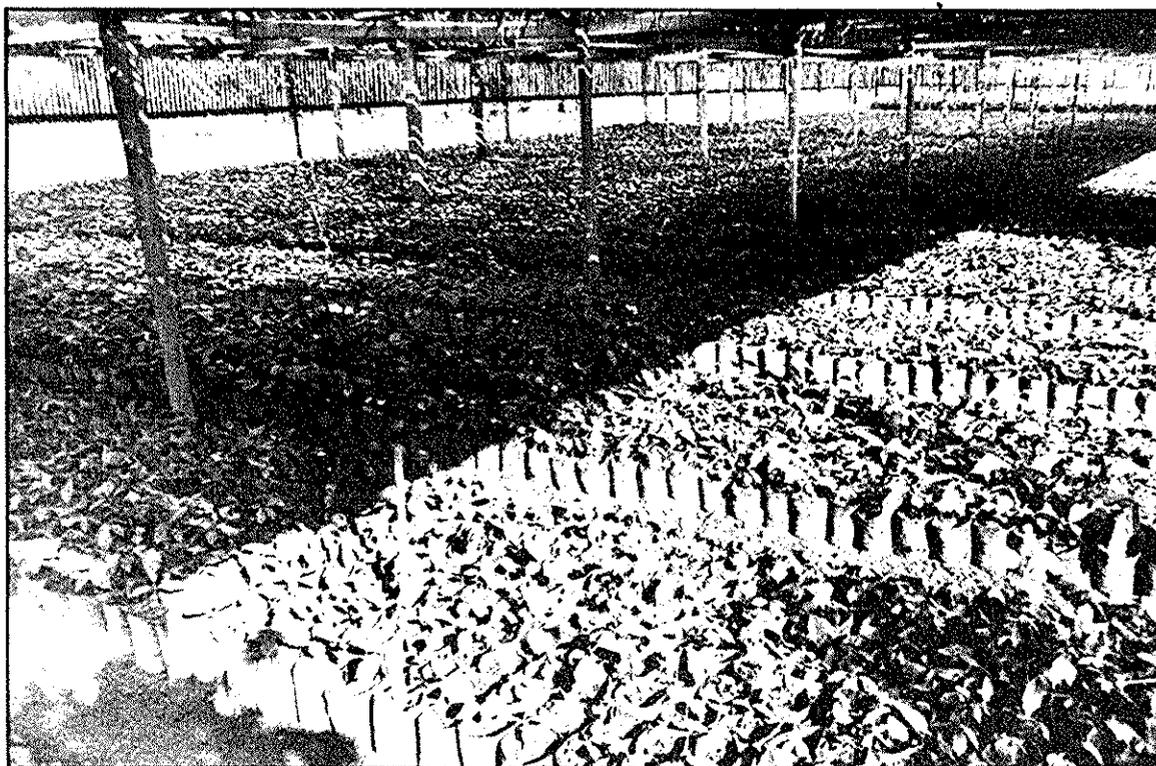
va uma produção de mil toneladas. Mas em virtude da queda prematura do fruto atingiu-se apenas 250 toneladas, fenômeno que ainda está sendo estudado e que contribuiu para fazer com que o preço se aproximasse dos Cr\$ 2 mil.

Além da Brahma e da Antártica que comercializaram o produto, o guaraná vem sendo trabalhado inclusive com caráter de pioneirismo pela Amazônia Comercial e Industrial de Guaranás, do empresário Flaviano Guimarães, e por outras empresas menores. Na época da colheita, quando se promove a festa do guaraná, há verdadeira corrida à cidade de Maués, onde os pequenos produtores ainda responsáveis pela maior parte da produção vendem o guaraná colhido. O preço é fixado no local e nos últimos anos tem superado em muito o preço mínimo estabelecido.

GOVERNO DA INCENTIVOS

O governo estadual tem dado prioridade ao guaraná juntamente com a seringueira e, por isso, não faltam incentivos, que, de acordo com o prefeito de Maués, Carlos Esteves, incluem até mesmo a questão da terra, já que em investimento que não ultrapasse os Cr\$ 150 mil é dispensada a apresentação de título de propriedade da terra como garantia para empréstimos.

Em Maués, quase tudo gira em torno do guaraná, que é consumido, após ser ralado do bastão, como uma bebida matinal. A tradição diz que esse hábito é um dos fatores responsáveis pela longevidade entre as famílias do local. O guaraná permite também um artesanato rico em formas e cores.



Produtores de Maués, no Amazonas, querem plantar um milhão de pés de guaraná na safra 81/ 82